

À Biblioteca Pública de
Braga

17
FEVEREIRO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — A M A R E S

Com a maior solenidade e brilhantismo foi empossado o sr. dr. Francisco P. Monteiro

no alto cargo de Governador Civil do Distrito

Desde o passado mês de setembro que o sr. dr. Francisco Pessoa Monteiro desempenhava interinamente as funções de Governador Civil do Distrito. Pelos méritos que toda a sua vida mereceu e pelo apuro demonstrado no desempenho de tão difícil cargo houve por bem o Governo da Nação investi-lo definitivamente nas ditas funções.

A sua posse invulgarmente concorrida e solene verificou-se no Ministério do Interior, na passada quarta-feira, conferida pelo titular da pasta. Aproveitou oportunidade o empossante para fazer afirmações

que se enquadram no momento que o País atravessa e em que todos os portugueses deviam meditar.

Desde sempre gostamos dos homens que são políti-

cos por força das actividades que desempenham e muito pouco daqueles que são políticos só na mira de postos de comando. Quan-

(Continua na 3.ª página)

Emigração para França

A emigração clandestina que, nos últimos anos, se vem registando quase exclusivamente para França, acompanhou naturalmente as alterações da procura de mão-de-obra neste país o regista, no presente, novo surto que, pela importância do volume que atinge e pelos variados problemas que desencadeia, provoca as mais justificadas

preocupações.

Mas a emigração clandestina para França, para além de outras causas, resulta, essencialmente, de factores de duas ordens:

1.º Dificuldades da imigração legal:

a) naturais limitações quantitativas e qualitativas por parte da França (exigência de contrato, rigor das disposições sanitárias, aptidão profissional, etc.);

b) Condicionismo existente em Portugal quanto ao processamento emigratório (manutenção assegurada no país de destino, robustez física, exame escolar, manutenção assegurada da família, etc.)

2.º Possibilidade de obtenção de autorização de residência e de trabalho aos estrangeiros chegados irregularmente ao seu território (caso muito especial de França; situação paradoxal que se sobrepõe à legislação que rege a emigração.

Deve notar-se, todavia, que

(Continua na 4.ª página)

O Cortejo de Oferendas e o Novo Hospital

Aproxima-se o dia 14 de Março em que vai ter lugar o primeiro Cortejo de Oferendas que realiza a Santa Casa da Misericórdia, com o fim altruista e humano de levantar as paredes do nosso Novo Hospital.

A certeza deste facto, é nos dada pelo ante-projecto que foi apresentado à Mesa pelas Repartições das Construções Hospitalares, e que orçam por cerca de 1.000 contos as suas obras.

É pois um facto que dentro em breve teremos connosco os nossos doentes e infelizes, que neste momento estamos a mandar para fora do Concelho e com eles o nosso dinheiro para os tratar. É um facto também que muito breve teremos aqui um cor-

po clínico e de enfermagem á altura das nossas necessidades, e onde todos iremos usufruir benefícios e conforto nas horas amargas da vida.

Está na nossa mão a concretização rápida desta grande obra.

Ela será erguida com o nosso entusiasmo, com a nossa ajuda, e com a nossa generosidade.

Todos podem dar a sua oferta, pois a Misericórdia aceita tudo que se possa converter em dinheiro, bem como todos os materiais de construção.

Um ovo, uma galinha, um açafate de cebolas, de batata ou de qualquer outro produto agrícola, à cabeça duma

(Continua na 3.ª página)

CERTIFICADOS DE AFORRO

Aproveitamento da Poupança Nacional em benefício da colectividade, por meio dos certificados de Aforro

Os certificados de aforro, criados pelo Decreto-Lei n.º 43.453, de 30 de Dezembro de 1960, são títulos da dívida pública, nominativos e amortizáveis, destinados a conceder

uma aplicação remuneradora aos pequenos capitais.

Quis-se preencher por meio, dos certificados de aforro, uma lacuna de há muito verificada, e que se traduz na fuga ou quiçá no desinteresse das pequenas economias pelo rendimento comercial dos dinheiros resultantes da poupança, conseguida muitas vezes à custa de tantos sacrifícios.

Sente-se e é notório o afastamento da circulação real de vários capitais, amealhados ou entesourados, à maneira antiga, nas impenetráveis burras à prova de fogo, ou mais poéticamente, em esconderijos cujo segredo passa de geração em geração ou ainda guardados na palha dos colchões, em pés-de-meia ou em panelas de barro, algumas vezes cautelosamente emparedadas.

Esse dinheiro, ciosamente imobilizado na melhor das intenções, previdentemente guar-

(Continua na 4.ª página)

Mulheres de outros tempos

Foram numerosos os humanistas portugueses de século XVI. Alguns, como Aires Barbosa, André de Gouveia e seu irmão António professaram em universidades estrangeiras, onde tinham estudado com subsídios liberalizados por D. João III. Outros, por cá se foram formando, seguindo a gloriosa tradição legada pelos séculos precedentes, ou sob estímulo de quem, como Nicolau Clenard, vieram lá de fora, chamados pelos nossos Reis, para ensinar em cátedras portuguesas. A Corte era alfobre de heratas dos dois sexos, que anejavam, com igual facilidade, o latim e o grego. Em torno da Infanta D. Maria, a mais nova do Rei Venoso, moviam-se vultos femininos como «Luiza Sigea» que se correspondia com o Pa-

pa Paulo III em latim, grego, hebraico, siriano e árabe. Angela Sigea, Joana Vaz, D. Helena da Silva e Paula Vicente, a filha e colaboradora do Gil Vicente dos «autos». Chegou a tal ponto o culto do Humanismo, que D. João III ausente numa caçada em almeirim, repreendeu a filha D. Maria, então donzela de 16 anos de idade, por lhe haver escrito em português e não em latim, como o pai desejava; e Publia Hortensia de Castro a-pesar-de mulher, cursou em Evora humanidades, além de filosofia e teologia, vindo a defender teses em Evora no ano

Continua na 4.ª página

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

A Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, vem por este meio solicitar a todas as pessoas a quem foram dirigidos pedidos para contribuírem para o Cortejo de Oferendas, o obséquio de enviar as suas dávidas, o que desde já muito reconhecida agradece.

O referido cortejo realiza-se como é do conhecimento geral, no dia 14 de Março próximo.

A INDIA PORTUGUESA

Continuação do número anterior

D. Francisco de Almeida foi um hábil administrador e um exímio diplomata, que conseguiu a simpatia e o respeito de muitos povos pela nação portuguesa, sendo o seu governo próspero e fecundo.

Foi o grande iniciador do nosso ditado império da Índia.

Enquanto se ocupava da ad-

por Porfírio de Sousa

ministração do inciente Estado, seu filho D. Lourenço de Almeida velava, no mar, pela segurança da terra e travou muitas batalhas navais com os mouros, principalmente com os de Calecut que eram os nossos mais encarniçados inimigos e o seu decidido propósito era derrotar e escorraçar-nos da Índia para ficarem senhores absolutos daqueles mares e para-

Continua na 5.ª página

COMBATE

Mais um jornal vai iniciar sua publicação. Trata-se de um órgão universitário dirigido por universitários de Coimbra. Tribuna Livre augura ao novo jornal e á sua Direcção administração as maiores prosperidades.

TRIBUNA FEMININA

ADEUS MARIANA, vou defender Portugal

— Sr. Luís. Aquela senhora deseja ser atendida pelo senhor.

— Vou já, sr. Meireles. É só um instantinho enquanto atendo esta cliente.

Era sempre assim. Luís Filipe era empregado no balcão daquela casa havia já três anos e sempre assim fora. A clientela aumentara para o dobro e a modesta firma «Meireles & C.» tornara-se num grande armazém de artigos de luxo, frequentado pela melhor sociedade. Luís era disputado por todas as clientes, que o achavam muito simpático e sedutor. Às vezes, davam-se pequenas disputas, sempre serenadas pelo restante pessoal, pois todas queriam ter a primazia de ser atendidas em primeiro lugar e as vencidas saíam com ar aflitivo dizendo que não punham mais os pés ali, mas, no dia seguinte lá estavam, fingindo-se alheias à ocorrência da véspera, comprando o que não tinham levado no dia anterior.

Outras tinham tido até o arrojo de o convidar para alguns passeios, convite que era sempre recusado. Ele sabia o que essas meninas «chics» queriam; era exibi-lo às suas amigas, usá-lo como cobaia para saciar o seu «snobismo». Luís não tinha culpa de ter aqueles olhos azuis e o corpo atlético. Se o achavam um belo homem, o único proveito que tirava da sua beleza era o envelope que o sr. Meireles, gerente da firma, lhe entregava todos os meses, à parte o ordenado, com uma gratificação extra. O comerciante sabia bem que sem aquele empregado a sua loja

não sairia daquela modesta vulgaridade em que se encontrava há três anos. Mas, Luís tinha um defeito que as suas clientes nunca lhe perdoavam e esse «grande» defeito era... ser casado! Isso, porém, era o melhor bem que Deus lhe podia destinar. Ele amava aqueles olhos pretos de Mariana e era a sua lembrança que o mantinha firme no seu caminho, sempre leal àquele juramento que fizera um dia diante do altar. O Zézinho, que veio um ano mais tarde fechar definitivamente o elo que unia aqueles dois seres, era o enlevo dos pais. Para Luís não havia melhor local do mundo do que a sua casinha; sentir o rosto de Mariana colado ao seu, de mãos dadas como no primeiro dia e ouvir o riso cristalino do Zézinho que corria toda a casa num frenesim constante, atrás do gato, um gato branco de pelo felpudo, sem dúvida o seu melhor companheiro de brincadeiras. Na sua louca correria, o menino e o gato desarrumavam tudo e Mariana chegava a zangar-se, mas Luís logo lhe dizia:

— Deixa-os lá Mariana. Que queres que eles façam? Ela olhava-o ainda zangada mas bastava fitá-lo nos olhos, aqueles olhos que seduziam a clientela do armazém, para logo sorrir.

Luís adorava assistir às brincadeiras entre o gato e o seu filho. Quando o primeiro se escondia, Zézinho procurava-o por toda a parte e quando por fim via que não o podia encontrar, sentava-se no chão a chorar. Mas eis que debaixo do maple surge uma patita branca e logo depois

um cabecita redonda, onde luziam dois olhos côr de esmeralda, muito vivos, e o menino apontando com o seu dedito gorducho começava a rir de contente e a dizer na sua voz infantil: «ta lil!».

Isto compunha a felicidade de Luís, a única e boa felicidade que alguém pode desejar sobre a terra. Luís era feliz!

Quando Luís entrou para almoçar e a beijou sem aquela alegria do costume, Mariana compreendeu que alguma coisa começava a correr-lhes mal.

Viu-o sentar-se à mesa e olhar o comer sem apetite e não pôde conter-se por mais tempo.

— Luís, que se passa? Não vens com o mesmo aspecto do costume.

Ele olhou-a e tentou sorrir.

— Não é nada, Mariana... Que havia de ser?!

— Os teus olhos não mentem, Luís. Por amor de Deus, diz-me o que se passa.

— Bem, Mariana, senta-te aqui junto de mim... Eu não queria contar-te isto, vais ficar triste, mas na verdade, não posso ocultar-te por muito mais tempo...

— Mas, o que é que não me podes ocultar?

— Lembras-te do tempo que eu andava a cumprir o serviço militar? Era o 1.º cabo e dizia-te, a brincar, que era capitão! É o dever que me chama. Tenho de partir...

— Para Angola?

— Sim, querida. Mas, tudo há-de correr bem, descansa. Deus não permitirá que nos separemos. Tenhamos fé, Mariana. Levo-te a ti e ao nosso filho no coração. Vou cumprir o meu dever. Mulheres e crianças como tu e o nosso filho, esperam que as salvemos do perigo que as ameaça. Não podemos hesitar. Um português não foge ao perigo, olha-o de frente.

Luís partiu ao som do hino nacional, integrado num contingente militar. Quando o navio ia longe, o seu último adeus foi para Mariana e para o seu filho, os seus dois únicos amores.

Agora na casinha do casal já não reina a alegria. Apenas o Zézinho e o gatinho branco

Escute... minha amiga

Lembre-se de que é mulher, e que o dever de todas nós é, com o dom natural de ternura, carinho e bondade, saber acalmar no homem todas as paixões que o dominam.

A brandura e a calma são

duas armas que a mulher empunha, sempre com vantagem nos azedumes do seu lar.

Quer uma receita económica para foscar vidros? simples.

(Continua na 4.ª página)



A Princesa Margarida e seu bebé:

Eis uma bonita expressão de amor maternal da Princesa Margarida. Esta foto foi tirada por seu marido.

«JORNAL FEMININO»

da Mulher para a Mulher
A melhor revista feminina portuguesa

UTILIDADES

MODA
TRICOT
CULINARIA
CINEMA

UTILIDADES
ROMANCE
CONTOS
NOVELAS

«Jornal Feminino», o jornal ideal para a mulher actual
Quer conhecer o seu horóscopo?

Saber o signo a que pertence?

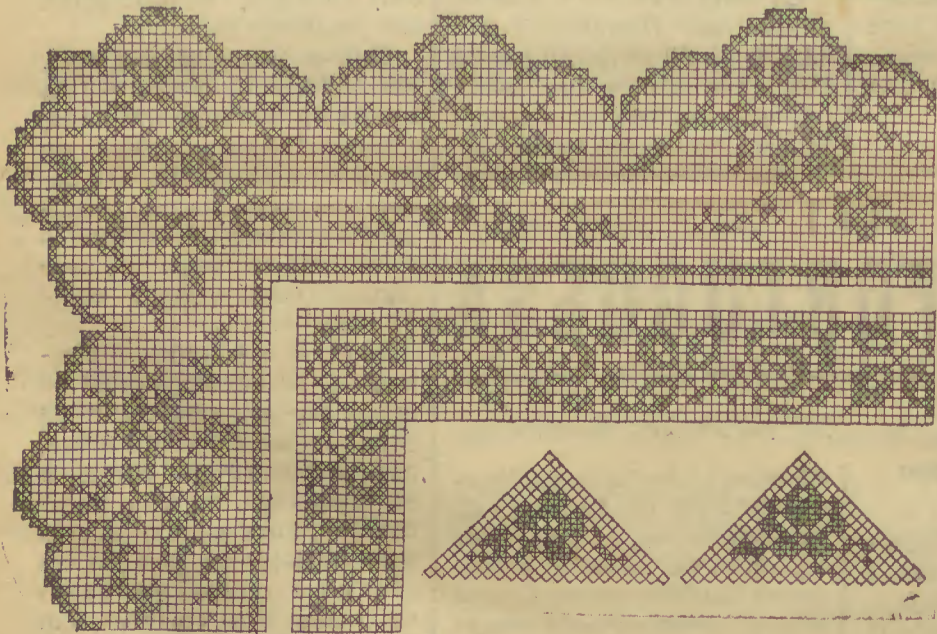
Mme. Sibila dirige esta secção de «Jornal Feminino», fornecendo horóscopos em particular.

Envia-nos uma reportagem sobre a sua terra, acompanhada de fotografia, o máximo três. O melhor trabalho será publicado com remuneração devida.

Se for assinante do «Jornal Feminino» terá direito de ver publicadas as fotos de seus filhos e assim como, fotografias de aniversário e casamento.

Concorra ao 11.º grande Concurso de Bordados e Crochet e Tricot, prémios de 2.000\$00 e outros em dinheiro e utensílios. As condições deste concurso vem publicadas em «Jornal Feminino» que está à venda em todos os pontos do País.

(Continua na 5.ª página)



O seu Lar

Eis amiga leitora um conjunto de renda, antre meio e cantos para guarnecer as suas roupas de cama ou mesmo aplicá-las em toalhas de mesa e chá, em linhas Mercer corrente, ao ton do pano, acredite que depois de executadas dão um lindo efeito

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Meus caros amigos presentes e ausentes *****

Desejo-vos saúde, paz, graça de Deus e muito dinheiro. Quanto a mim, vou andando, gemendo, echorando, neste vale de lágrimas, como vós.

Cartas anónimas

Neste mundo há de tudo. Mas, coisas há que não faziam falta a ninguém. Refiro-me aos escrevedores de cartas anónimas, ou assinadas em nome de quem não existe. Tenho recebido algumas, dois meus colegas revelaram tê-las recebido também e um outro disse ter ouvido dizer que certa pessoa de destaque social recebe cêrca de trinta cartas anónimas por dia. Acrescentou dizendo estar convencido de que, se a dita pessoa ligasse importância às tais missíveis anónimas, estas passariam de trinta para sessenta! Evidente que não vou dizer quem me deu estas informações e onde as obteve. Simplesmente queria dizer-vos que os autores de cartas anónimas são pessoas de maus hábitos, indecentes, imbecis tão indecentes como as missivas que escrevem ou mandam escrever. Estes indivíduos não fazem bem, não deviam existir, ou então irem para o Congo ex-belga. Ali, sim! Poderiam constituir um saboroso petisco e serem finalmente úteis a alguém...

Os Boatos e Boateiros

Certo cavalheiro perguntou-me se era verdade a capital portuguesa ser brevemente algures, em Angola. Lembro-me de ouvir há pouco uma referência a este boato numa das crónicas de Angola, se não me engano. Trata-se de mais um disparate dos boateiros. Bem sabemos que pode haver circunstâncias capazes de fazer mudar a capital de qualquer país. Mas é evidente que isso não se dá entre nós, actualmente. Por diversas vezes foi informado de andar de boca em boca a informação, de que eu pretendia comprar a quinta do Coto, em Lago. Disseram mesmo que a dúvida ou diferença estava em tantos contos; e, finalmente, afirmaram que o negócio estava feito. Um senhor de Braga informou que tal notícia estava lá muito espalhada. Entretanto posso garantir-vos que nunca me passou no cérebro a ideia de tal compra. A razão fundamental é esta: não tinha nem tenho dinheiro para isso. Estes boatos têm pouca importância. Mas há outros muito prejudiciais ao bom nome das pessoas. Assim, não

há muito, — alguém se lembrou de afirmar que eu falsifiquei uma letra. Outros disseram que fiz uma escritura, não sei de quê, falsa. Por isso tinha de responder no tribunal à porta fechada!...

É realmente grande o poder imaginativo e a falta de honestidade nos boateiros. Julgo que esta fauna detestável é constituída por elementos da «quinta coluna» Moscovita, pedreiros livres ou assalariados. Não ficariam mal, também estes, a passar as férias junto dos terroristas congolezes. Forneceriam uma boa refeição, caso não houvesse carne mais apetitosa... E nós ficaríamos livres deles!!

O sonho do dinheiro

Dizem alguns que o dinheiro é inferno e todos andam à procura dêle! De facto o dinheiro é a mola real de tudo neste pobre mundo, quase esquecido de Deus.

A França principalmente avança uma tração fascinante. Quando eu era rapaz ouvia os pedreiros e os operários fabris chamarem pategos aos agricultores. Quando estes se queixavam de aqueles lhes roubarem as uvas ou espigas eram espancados e insultados. Ouvia-se então os operários das fábricas e construtores civis dizerem que o

(Continua na 6.ª página)

Aniversário Natalício

No próximo dia 23 passa o aniversário natalício do Sr. António Gomes da Silva Briote, digno Comandante do Posto da Guarda Nacional Republicana, data que nos apraz registar sem qualquer sombra de lisonja.

O Sr. Briote, pelo apru-



mo como tem sabido manter a ordem, devido ao seu espírito disciplinador e zelo profissional, merece neste meio a maior consideração.

«Tribuna Livre» apresenta-lhe muitos parabéns e deseja-lhe a continuação de boa saúde e êxito profissional.

O CORTEJO DE OFERENDAS

e o novo Hospital

Continuação da 1.ª página

rapariga, um carro de areia, de mato, de lenha, de madeira, de vinho, de milho etc. são dávidas que cada um pode ofertar na medida das suas posses.

É necessário que nesse dia não fique em casa nenhum açafate, nenhum carro de bois, nenhuma forgoneta, nenhuma camionete, e que todos venham carregados e enfeitados para tomar parte nessa grande manifestação de caridade que vai ser o CORTEJO DE OFERENDAS.

P. B.

Foi empossado o sr. dr. Francisco P. Monteiro

Continuação da 1.ª página

do neles demonstram a sua inércia, o seu parcialismo e a sua falta de princípios ideológicos, sempre prontos a servirem os e muitas poucas vezes admitindo um sacrifício pelo bem comum.

O homem que toma o cargo de dirigir o Distrito não buscou cargos e só perante a insistência aceitou para servir. É de resto do número das pessoas que nunca tergiversou na defesa dos princípios a que sempre se dedicou quando a sua presença foi de qualquer modo precisa.

Profissional distinto, nome feito, não precisava também de lugar para ser visto. Assim o Distrito compreende a sua honestidade de processos e queira ajudá-lo a orientar o turbado céu deste Minho admirável de gente boa, sempre dada a sacrifícios, mas entre a qual medram sempre os oportunistas de palavras vagas e de nenhuma obras.

Assim o Distrito saiba associar a gravidade da hora que se vive às dificuldades que em todos os campos aparecem para num maior esforço de servir ajuda à solução digna dos muitos problemas que sempre surgem.

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

Caça aos tordos

A Comissão Venatória Concelhia informa que devido á abundância de tordos nesta região, tem sido motivo de regozijo para os caçadores é razão de desespero para os agricultores.

O número de tais pássaros é este ano tão elevado que são já importantes os prejuizos que causaram, nalguns locais à lavoura. Por tal motivo, a Secretaria de Estado da Agricultura resolveu reabrir a caça a essa espécie, permitindo o extermínio dos tordos até ao dia 1 de Março. Solução que, bem acolhida pelos agricultores, entusiasmou ainda mais os caçadores...

ANIVERSÁRIO

Passa no próximo Domingo, dia 18 o seu aniversário natalício o Sr. António José Lopes de Paiva, empregado desta Tipografia.

Seus colegas de trabalho, assim como a sua família, desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por longos anos.

Salvé 15-2-62

Passou no dia 15, o seu aniversário natalício o senhor Januário da Silva Barros, muito digno membro do concelho municipal da nossa Câmara, e ilustre farmacêutico



na farmácia do Pinheiro Manso. Pessoa muito conhecida no nosso meio pelos seus dotes de bondade, sempre pronto ao serviço das que sofrem.

Por tão faustosa data Tribuna Livre cumprimenta o ilustre aniversariante e faz votos que esta se prolongue por muitos anos no seio de toda a família.

Dê à Misericórdia para que ela o possa socorrer, se precisar

Salvé 19-2-62

Prestar-lhe homenagem meu Pai, pelo dia do seu aniversário natalício, é um dever que se me impõe.

A sua presença agora em Lisboa, e a passagem deste dia



festivo na minha companhia, são factos que sempre testemunharei nos momentos da minha maior felicidade.

Parabéns, e um grande abraço, e que o dia 19 de Fevereiro se lhe repita por muitos anos.

Seu filho

José Araújo Andrade

NECROLOGIA

Maria Augusta Veloso Soares

Depois de prolongado sofrimento faleceu no Hospital Geral de Santo António da cidade do Porto, quando era submetida a intervenção cirurgica, a menina Maria Augusta Veloso Soares, de 17 anos de idade, filha muito querida do nosso particular amigo Sr. Francisco Veloso Soares e da Senhora D. Ernestina Branca Alves Vitoriano.

À família enlutada Tribuna Livre apresenta os sentidos pesames.

Contribua para o cortejo de oferendas que há-de ajudar a erguer o nosso HOSPITAL

Auxiliai os Bombeiros V. de Amares

Certificados de Aforro

(Continuação da 1.ª página)

dado para as incertezas do dia de amanhã, não vê a luz do sol nem se lhe dá o calor de utilidade para que foi criado no interesse de cada um, seu possuidor, em particular, e da comunidade em geral; torna-se, na conjuntura económica, um elemento de perturbação e transforma afinal, em improdutivo avaria, um belo sentimento de previdência que está na base da poupança e que bem entendido, deve ser estimulado e acariado como factor de riqueza nacional.

Para tanto, contribui, em grande parte, o desconhecimento das seguranças que, presentemente, rodeiam o comércio bancário, o temor do fisco e até o receio do próprio meio (vizinhança e familiares) a conjecturarem mundos e fundos sobre os parcos haveres do recatado previdente.

E assim, umas centenas de escudos aqui, alguns milhares além, no mais humilde casebre e até no mais grandioso palácio, avolumam-se cabedais estagnados a servirem de penhor a uma cautela inadequada à época em que vivemos e despropositada para os fins em vista.

Interessa profundamente à economia nacional que se poupe; mas poupar não significa amearhar para esconder ou entesourar sem movimento.

Poupar é agir previdentemente com o dinheiro que sobra ou que se faz sobrar do muito ou pouco de que podemos dispor para a satisfação das nossas próprias necessidades.

Poupar não é nem pode ser roubar-nos a nós próprios, cerceando a aquisição de bens de consumo que nos são indispensáveis.

Poupar não é nem pode ser fugirmos às comodidades que a civilização nos proporciona para vegetarmos em vez de vivermos uma vida melhor.

Poupar não é evitar a aquisição das coisas mas sim fugir ao supérfluo, amearhando para produzir, para render, para aumentar as possibilidades de mais alto nível de vida, empregando o que se poupa para se poder poupar mais ainda.

Os certificados de aforro aparecem para tentar resolver o grande dilema económico da nossa época: a necessidade de gastar para se consumir e a necessidade de se poupar para se poder gastar.

A Nação, pelos departamentos competentes do Estado, vai oferecer aos que pouparam e amearharam, nas circunstâncias atrás referidas, a garantia da continuidade da sua cautelosa previdência, dando-lhes, simultaneamente, um proveito que de outra forma não tinham.

Mas para que tal proveito não sobrecarregue os réditos financeiros do Estado, beneficiando alguns, pelo rendi-

mento que se oferece, em prejuízo de todos os contribuintes através dos impostos, o Estado empregará os dinheiros advindos ao Tesouro por este processo, tornando-os reprodutivos e fazendo-os ingressar realmente no meio circulante de que se encontram afastados.

O processo utilizado no desenvolvimento desta espécie de dívida, a própria concepção dos certificados de aforro e os meios psicológicos a usar para os tornar conhecidos de todos, convencem da oportunidade e sensatez da operação financeira em curso que aproveita a poupança incitando à poupança, contribuindo, quer directa quer indirectamente, para o aumento da riqueza.

Economicamente, não constitui problema o proprio recurso aos capitais a utilizar.

A operação destina-se ao emprego de capitais afastados do meio circulante e, nesse sentido, só traz vantagens à economia nacional.

Ainda que assim não suceda totalmente e que, em parte, sejam subtraídos a depósitos já efectuados em estabelecimentos de crédito com funções bancárias, não há mais do que uma substituição de entidade fomentadora, o que em nada afecta o mercado de capitais e a economia.

De resto, no propósito previsto, a operação não só conduz à circulação os referidos capitais afastados, como evita que outros se afastem dela. Os cuidados havidos na limitação dos capitais aplicáveis por cada titular e bem assim o modo como se processa a atribuição dos rendimentos desses capitais não são de molde a favorecer especulações ou mesmo a interessar os mercadores de dinheiro.

Tudo se ajustou e previu para a finalidade preconcebida e essa satisfaz totalmente, sob o ponto de vista económico-financeiro: por um lado facilita-se às pequenas economias uma fácil, segura e rendosa aplicação de capital; por outro lado põe-se à disposição do Estado um caudal de capitais que vão ser aplicados em obras reprodutivas, em fomento económico e em grandes empreendimentos de interesse nacional.

Mulheres de outros tempos

(Continuação da 1.ª página)

de 1565, 16 anos antes de se recolher ao Convento da Graça (das agostinhas) da mesma cidade.

O Humanismo em geral é o estudo de todo o homem considerado nos dois elementos dobinómio alma e corpo. Compreende tudo que possa elevar e tornar conhecida a pessoa humana.

Elísio Gonçalves

ESCUTE... MINHA AMIGA

Continuação da 2.ª página

Dissolvem-se 25 gramas de goma de adragante em 10 claras de ovos, bem batidas, durante bastante tempo, a fim de ficarem bem incorporadas; depois, com um pincel, estende-se esta mistura por igual sobre os vidros que pretendemos tornar foscos. Se se tratar de vidros de janelas, o preparado aplica-se pelo lado interior, para que a acção da chuva ou da humidade não o inutilize.

Se tem filhinhos, cabe à mãe, na sua nobre missão, cuidar deles com todo o esmero e toda a higiene, faça-os respirar ao puro e fresco em abundância, dê-lhes toda a liberdade de movimentos e lhes salte com alimento são contendo todas as vitaminas indispensáveis ao seu pleno desenvolvimento e hoje perfeitamente determinadas. Proteja os seus bebês contra todas as possibilidades do raquitismo.

Um doce brasileiro — 300 gramas de milho leitosos, 250 gramas de açúcar, 1/2 decilitro de sumo de laranja, idem de vinho fino, casca de limão e canela em pó. Colhem-se as maçarocas do milho quando estão ainda leitosas, esmagam-se os grãos e coa-se o líquido obtido; mistura-se este líquido com o açúcar, o sumo da laranja e o vinho, junta-se-lhe a casca do limão e leva-se ao lume a ferver até chegar ao ponto de aparecer um creme. Retira-se a casca do limão, deita-se o doce numa travessa, polvilha-se com canela e serve-se frio.

A cultura de cactos

As regas — De Maio até Julho as regas dos cactos devem tornar-se mais frequentes e abundantes.

As regas devem fazer-se de manhã às 10 horas e de tarde às 16 horas. A rega feita mais tarde não assegura a evaporação que é necessária para humedecer a atmosfera, o que é altamente vantajoso para os cactos e plantas gordas. Nos fins de Maio e para emitir as chuvas dos países quentes, a rega pode ser feita com água morna que não tenha sido fervida. Mas isto só quando o tempo não esteja frio nem o Sol encoberto.

A rega dos cactos nunca deve ser feita sobre as plantas mas sim junto ao bordo dos vasos quando a planta está envasada, ou na terra, um pouco afastada dos pés das plantas, se estas estão em canteiros.

Para a rega dos cactos é preferível a água da chuva e, na falta desta, a água que não seja calcárea.

Na cultura dos cactos tem grande importância a temperatura da água que deve ser a mesma da planta. Se os cactos estão em estufa, esta deverá ter um pequeno lago ou uma vasilha destapada com água para as regas. Se os cactos estão ao ar livre, devem regar-se com água que esteja exposta ao ar e tenha

Emigração para França

Continuação da 1.ª página

as autoridades portuguesas, satisfeitas as disposições legais aplicáveis, não impedem a saída de trabalhadores detentores de contratos nem negaram, até hoje, qualquer pedido de recrutamento que, normalmente, têm sido efectuados em benefício das regiões do País em que a situação de emprego se considerou precária.

O Distrito de Braga tem sido bastante contemplado neste recrutamento.

Os agentes que impulsionam o movimento clandestino encontram sempre razões para as suas dolorosas promessas e oferecem excelentes atractivos aos trabalhadores exploradores. Estes, conduzidos pela mão experiente das organizações, expoliados do seu dinheiro, só depois, terminada a primeira parte da sua odisseia, podem avaliar a quantos problemas e a quantos sacrifícios abrirem impedidamente os braços.

Chegado a França, o trabalhador clandestino é forçado pelas circunstâncias a aceitar o contracto que lhe arranjam, a actividade para que dele precisam e a região onde dele necessitam. Os salários que lhe pagam são, evidentemente, os mais baixos e as condições de alojamento nem sempre dignas, pois quer salários, quer alojamento não são apreciados (como acontece na emigração legal) pela Junta da Emigração.

Em matéria de segurança social e abonos de família sucede o mesmo.

Todas as dificuldades que encontra e todos os problemas em que se debate são ainda agravados de forma profunda pelo facto de raro lhes ser permitido, pelas au-

apanhado sol durante algumas horas.

Os cactos devem regar-se abundantemente em Julho, um pouco menos em Junho e Agosto; ainda menos em Maio e Setembro; ainda menos em Abril e Outubro e raras vezes em Novembro, Dezembro Janeiro e Fevereiro.

Alguns cactos dão flores lindíssimas e é pena terem, algumas pessoas, para com elas a superstição de que «moça solteira não casa se tiver cactos em casa».

Curiosidades

Existe em Veneza a curiosa superstição de que se um viajante morre num hotel, o número do seu quarto sairá premiado na lotaria.

Na Europa, das quatro mil e duzentas espécies de flores existentes, apenas dez por cento tem aroma. Segundo estatísticas, averiguou-se, também, que as mais comuns são brancas e, destas, apenas a sexta parte tem uma ligeira fargância.

toridades de trabalho, exercer outra profissão ou mudar departamento.

Neste ambiente, a que pretende por termo, o emigrante clandestino vê às vezes, nas agruras do seu vir fugirem-lhe as economias mais de um ano de intenso trabalho e rude vida, directamente para a bolsa dos gajadores e dos passados que o levaram para França. De facto se ressentem a família que ficou em Portugal, cujos sacrifícios não são menores.

a) Fica proibida a intervenção de quaisquer indivíduos ou empresas no engajamento de emigrantes, na obtenção de documentos necessários à organização dos seus processos e na marcação e aquisição das respectivas passagens (Decreto-Lei n.º 36.558, de 28 de Outubro de 1947, art. 5.º).

A inobservância do disposto no corpo deste artigo será punida com a multa de 5.000\$00 por cada emigrante em relação ao qual a mesma se verificar, que se eleva ao dobro em caso de reincidência. (idem, idem, § 4.º na redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 41.456, de 19 de Dezembro de 1957).

1.º Todos aqueles que criarem indivíduos para serem a fronteira com destino a qualquer país sem documentação, com documentação falsa ou incorreta, ou auxiliarem, seja qual for a saída de tais indivíduos;

2.º Os que interferirem, de qualquer modo, na obtenção de passaportes ordinários, sob pretexto de serem utilizados para fins turísticos, quando na realidade, se destinarem a emigrantes;

3.º Os que auxiliarem, se propuzerem auxiliar a saída de imigrantes clandestinos ou cooperarem na passagem destes por qualquer ponto da fronteira, habilitado ou não;

4.º Os emigrantes clandestinos, considerando-se assim os indivíduos que saíam do País por qualquer ponto da fronteira, habilitados ou não sem passaporte, com passaporte falso ou em nome de outra pessoa, ou ainda aqueles que, tendo por objectivo fixarem-se em país estrangeiro, não estarem munidos de indispensável passaporte para tal o habilite;

5.º Os que tentarem cometer quaisquer factos previstos nos números anteriores;

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quilisque Central Largo do Barão de São Martinho

Visado pela censura

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Paredes-Secas Do Gerês A INDIA PORTUGUESA

Pela publicação atrás feita, do «Tombo de Rendufe» ficou a saber-se de todas as terras do seu antigo padroado.

Paredes-Secas, que outrora constituiu um pequeno domínio de Rendufe, pois era terra contada ao respectivo mosteiro, já não constou desse inventário, a que o dom abade e mais religiosos então mandaram proceder, quando já notavam a resistência das terras sufragâneas em reconhecerem-nos seus senhores. Quem se debruçou, com alguma atenção sobre esses episódios que se liam nas entrelinhas das declarações e testemunhos dos informadores e louvados no decurso das inquirições do tombo de Rendufe, não deixa de entrever a grave contenda que se desenrolou entre os atombantes (Religiosos) e os que foram chamados a comprovar os limites de seus benefícios (os Abades seculares) e respectivas confrontações.

O abade, procurador e mais religiosos de Rendufe encarregados da atombação, armaram de toda a solenidade este litígio e calcurriaram, ciosos da posse de seus domínios, todos os limites de suas terras, acampando e entruicheirando-se as partes em todos os pontos que se travaram as contendas, azedaram os ânimos.

Fizeram-se juramentos, puseram-se marcos, escreveu-se o tombo, tiraram as partes seus traslados, conveneceram-se os frades de que tudo ficava de pedra e cal assegurado ao seu convento.

Tanto trabalho para uma simples e momentânea ilusão!

A era que se avizinhava, a passos agigantados, era de perjúrio e destruição de todos quantos valores esses mesmos frades tinham sido um grande sustentáculo. Mas o que é mais estranho é que encontraram os seus maiores perseguidores (neste caso) à sombra e acobertados com a mesma sotaina. Todos se batiam igualmente pelos interesses e bens materiais, em prejuízo do seu munus sagrado, e o resultado bem depressa se verificou contra todos que a desunião lançou na luta fratricida. O que se passou por estas terras do Minho, na alvorada do liberalismo, explica muito bem todos os acontecimentos subsequentes que enlutaram a Nação e comprometeram com largo alcance o bem estar e a tranquilidade de muitas gerações futuras. As lutas e dissidências que se deixaram germinar e desenvolver no seio das famílias paroquiais e das instituições deram em maior escala na grande tempestade que se desenrolou a seguir e de que ainda hoje se sofrem as consequências.

* * *

Paredes-Secas tinha o seu tombo, elaborado no século XVI em cumprimento das constituições bracarense que mandavam inventariar com todo o rigor os bens das igrejas.

É um pergaminho amarelecido e estragado pelo tempo, e deu-se conhecimento, ao tratar-se desta freguesia, como ele foi deparar-se às mãos do Rev. mo Senhor abade de Caldelas, que o recolheram com o carinho compreensivo de quem sabe dar o valor às coisas deste género. De outro modo ficaria perdido para sempre.

A leitura deste velho pergaminho, só possível em grande parte à custa de vidro de aumento, começa deste modo:

In nomine domini amen Saibã os que este instrumento de tombo publico virem como no anno do nascimento do nosso Snor jhu christo de mil e quinhentos quarenta annos aos XXVIII dias do mes doutubro da dita era na igreja de Sam miguel de paredes secas em presença de mim notario publico ao diante nomeado e das testemunhas outro si ao diãte nomeadas apareceo ho honrado gomes piz pires abbade da dita igreja e cantor na See de bragaa e apresentou hua carta de comissão do Snor diogo fogaça fidalgo da casa do infante dom anrique nosso Snor e governador do arcebispado e cidade de bragua cometida a g.o frs. (Gonçalo Fernandes) capelão de vellela a qual comissao de verbo ad verbum he a que se segue — diogo fogaça fidalgo da casa do infante dom anrique nosso Snor (foi depois o cardeal-rei D. Henrique) que ora tenho cargo desta sua cidade e arcebispado de bragaa por sua alteza a nós g.o fogaça capellão de vellela e outras quaesquer pessoas a que o abaixo toca ou tocar pode per qual maneira saude em jhu christo Faço saber que a mi enviou gomes pixiza abbade de Sam miguel de paredes secas que elle queria fazer tombo dos bees (bens) possessoes e propriedades pertencentes aa dita sua igreja

(Continua no próximo número)

Falecimentos

Faleceu nesta localidade o Snr. Bernardino José da Costa Gomes, de 74 anos de idade. Era casado com a Senhora Rosa Dias Fernandes, que infelizmente também se encontra doente pai dos Snrs. Clemente da Costa Gomes, Polícia de Segurança Pública em Angola e Anibal da Costa Gomes, empregado comercial na cidade de Lisboa.

Também faleceu a menina Maria Vitória de Matos Machado, de 12 anos de idade, filha de Manuel Antunes Machado, já falecido e de Albina de Jesus de Matos.

As famílias enlutadas apresentamos os nossos pêsames.

Desastre com Alta-tensão:

Na freguesia de Vilar da Veiga um menor de 13 anos, José Maria Lopes Rodrigues, filho de Manuel Rodrigues das Almas e de Bárbara de Jesus Lopes, trepou a um poste de alta-tensão e tendo pegado num dos fios, com a comoção do choque caiu estatelado no terreno, ficando muito queimado numa das mãos, encontrando-se internado no Hospital.

C.

Adeus Mariana vou defender Portugal

(Continuação da 2.a página)

continuam as suas brincadeiras.

Mariana espera. Mariana tem fé no poder de Deus.

A sua alegria reside agora nas cartas de Luís que guarda com religioso carinho.

«Meu amor,

Acabamos de chegar a Luanda. Isto é muito bonito e ninguém nos poderá roubar esta maravilhosa cidade. Vou partir em missão, mas não temas. Deus vela por nós.

Um beijo para o nosso filhinho e para ti mil carícias deste que só em ti pensa

Luís»

«Mariana,

Cheguei agora, com todos os meus companheiros, de uma operação de limpeza a norte de Angola. Vi cair feridos alguns dos meus colegas, mas só tenho uma palavra para todos eles: são uns bravos! Com o esforço de todos muito em breve estarei nos teus braços. Graças a Deus continuo ileso. Diz ao sr. Meireles que lhe agradeço a encomenda que me mandou e que espero dentro de pouco tempo estar de novo no armazém.

Beijos

Luís

(Continuação da 1.a página)

gens, tornando-se, assim, os arbitros do Oriente.

Por sua vez o Sultão do Cairo teve conhecimento do nosso crescente poderio na Índia que considerava a causa imediata dos grandes prejuízos que lhe causava a falta de mercadorias que antigamente eram drenadas do Oriente para o entreposto do Cairo.

Para se opôr à progressão sempre crescente do poderio dos portugueses naquelas riquíssimas paragens.

O Sultão decidiu construir uma poderosa esquadra que fosse à Índia meter no fundo os barcos portugueses que, além de se terem assonhoreado daqueles mares, davam efectiva protecção aos naturais e, por tal motivo, apoderavam-se de todo o comércio que transportavam, nos seus navios, para Lisboa.

A República de Veneza que era o interposto da Europa das ricas mercadorias do Oriente, que recebia por intermédio do Cairo, sofreu uma rápida quebra no seu florescente comércio, desde que os portugueses se fixaram na Índia, mas considerava-se impotente para se por as coisas na sua anterior posição—tanto mais que mantinha relações diplomáticas com Portugal.

Apesar de tudo, a República de Veneza, não via com bons olhos a transferência do seu comércio para Lisboa e quando teve conhecimento dos propósitos do Sultão do Cairo exultou de satisfação e, para abreviar a empresa, mandou-lhe muitos artefices de diversas especialidades, e muitos materiais e entre esses ferro em quantidade para lá se fundirem peças de artilharia.

É certo que o comércio não cultivava amizades e os Venezianos—que tinham sido defendidos por uma esquadra portuguesa contra os turcos depressa esqueceram esse auxílio que os livrou de serem derrotados por esses infieis—não contentes com o auxílio que enviaram para o Cairo, ainda conseguiram que a sua antiga inimiga —a Turquia— fornecesse ao Sultão preciosas madeiras para as construções navais.

Com todos esses auxílios, o Sultão activou a construção da esquadra que constava de 8 navios que constava de 4 naus de alto bordo, 1 galeão, 2 galeras e 1 navio mais pequeno, esquadra que foi dotada de poderosa artilharia para aquele tempo.

Entretanto os reis moiros da Índia e o Samorim de Calecut —nossos inveterados inimigos—enviaram um emissário de confiança ao Sultão, afim de o porém ao corrente sobre a acção dos portugueses no Oriente e pedir-lhe, ao mesmo tempo um substancial auxílio con-

tra o inimigo comum (portugueses) que cada vez se tornava mais forte e ousado, indo do ponto de impossibilitar os moiros de comerciarem e de navegarem nos mares que antigamente sulcavam com toda a liberdade e segurança.

Que os portugueses estavam a evangelizar a doutrina de Cristo e lhes proibiam a propagação da de Maomete, que estava em risco de se extinguir.

O Sultão do Cairo ficou deveras impressionado com as informações que recebera do emissário dos seus irmãos maometano e para lhes prestar o auxílio solicitado ordenou que as construções navais em curso fossem aceleradas.

Concluída a esquadra, deu-lhe uma tripulação de cerca de 2.000 homens, muitos dos quais eram europeus desertores que, assim, atraíam a sua pátria e a sua religião, propondo-se combater cristãos ao serviço dos maometanos.

Dentro de pouco tempo estava pronta a largar, sobe o comando do experimentado capitão Mirocem, e estava poderosamente artilhada e dotada de marinheiros especializados para todos os serviços a bordo.

No dia consignado pelo Sultão, a esquadra largou para o mar e aportou a Diu no dia 30 de Setembro de 1505.

Diu fazia parte integrante do grande Reino de Cambaia e era governado por um capitão moiro, Meliquiaz, valente, astuto, manhoso e pusilame ao mesmo tempo.

Mirocem, o grande capitão da poderosa esquadra do Cairo, era portador de uma carta do Sultão para Meliquiaz, em que apresentava e recomendava o comandante em Chefe da sua armada que ia em socorro da Índia, conforme pedido, por intermédio do moiro Moimame, que era, entre os mametanos, considerado Santo e essa circunstância e o facto de ter embarcado na esquadra comandada por Mirocem, dava-lhes a certeza inabalável que, com as suas ferverosas preces, os portugueses seriam derrotados e aniquilados, deixando-lhes, assim, a Índia liberta da sua opressora e indesejável presença.

A esquadra de Mirocem reuniu-se aos navios de Meliquiaz que eram excelentes e de alto bordo e no porto de Diu já ali se encontravam mais de um cento de navios que para ali tinham enviado, para o mesmo fim, o Samorim de Calecut e de outros potentados indianos. (Continua no próximo número)

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Tribuna Desportiva

O Sporting continua a chefiar a classificação do campeonato de futebol da primeira divisão, mas o Porto e o Benfica são fortes candidatos ao título

Os três pretendentes ao título máximo do futebol português—Sporting, Benfica e Porto—mantêm a diferença de pontuação que os separa na classificação do campeonato da Primeira Divisão, após a jornada de domingo passado.

Resultados dos encontros disputados: Lusitano, 2-Salgueiros, 1; CUF, 2-Beira Mar, 2; Atlético, 0-Sporting, 3; Benfica, 4-Olhansense, 2; Porto, 3-Leixões, 1; Académica, 0-Covilhã, 0; Guimarães, 1-Belenenses, 1.

O jogo Atlético-Sporting, cujo desfecho interessava aos dois mais directos adversários de segundo clube, guia da classificação, foi facilmente ganho pelos sportingistas. Houve lances de perigo junto das duas balizas, mas o Sporting foi geralmente a equipa mais firme, sem que, todavia, o seu rendimento atingisse bitola muito elevada.

O Porto e o Benfica, respectivamente nos estádios das Antas e da Luz, receberam com tranquilidade a visita do Leixões e do Olhanense. O segundo e o terceiro da classificação jogaram mais, mas tiveram um susto... O Leixões foi o primeiro a marcar, chegando ao intervalo a comandar o jogo, por 1-0, e o Porto teve de esperar pela segunda parte para construir a sua vitória.

Na Luz também ao Olha-

nense pertenceu o primeiro golo. Todavia, quando terminou o tempo inicial, já o Benfica estava vencedor, por 3-1.

Classificação actual:

	Pontos
SPORTING	26
PORTO	25
BENFICA	24
ATLÉTICO	19
CUF	18
ACADÉMICA	16
BELENENSES	16
OLHANENSE	15
LUSITANO	14
GUIMARÃES	13
LEIXÕES	12
COVILHÃ	12
BEIRA MAR	8
SALGUEIROS	6

Campeonato de futebol da Segunda Divisão: Feirense e Barreirense comandam a classificação

A 16.ª jornada do Campeonato de Futebol da Segunda Divisão, disputada no domingo passado, não introduziu alterações sensíveis na classificação da prova, mantendo-se o Feirense no comando da zona Norte, e o Barreirense, ainda com maior vantagem sobre o segundo classificado, na chefia da Zona Sul.

Os resultados da jornada: Zona Norte: Torriense, 1-Oliveirense, 1; Boavista, 2-Caldas, 0; Peniche, 0-Marinhen-

Carta de Lago

(Continuação da 3.ª página)

«Senhor» era quem davas as uvas, etc. Mas os agricultores, atraídos pelo dinheiro fresco do fim da semana ou quinzena, começaram a abandonar a agricultura e não virá longe o dia em que muitos proprietários cultivarão pessoalmente as terras, para não deixarem a mato, se, entretanto, novos processos de cultivo não forem postos em prática, capazes de garantir meios de vida compensadores nos trabalhos rurais, e todos se convencerem de que o «Senhor» dá, mas é preciso trabalhar as terras para que elas possam realmente dar frutos, com o auxílio de dispendiosas adubações. Por aqui ainda há muita gente a proceder como se os campos dessem tudo sem trabalho e despesas. E assim não falta quem mantenha porcos, coelhos, etc. à custa dos campos dos outros e quando os respectivos donos ou arrendatários precisam de serviços exigem salários altos, com pegas e gaios...

Entretanto os rapazes abandonam a lavoura e vão para a construção civil, o comércio, a França, etc., porque trabalham menos horas, ganham mais e serem mais considerados, já não são pategos. As raparigas vão servir... e com o «sonho do dinheiro» os campos tendem para o abandono quase total.

Saudações do vosso

J. Moreira

se, 1; Espinho, 1-Vila Real, 0; Sanjoanense, 2-Cernache, 1; Vianense, 1-Braga, 0; Castelo Branco, 4-Feirense, 0.

Zona Sul: Alhandra, 1-Barreirense, 3; Farense, 1-Covilha da Piedade, 1; Sacavenense, 0-Montijo, 3; Vitória de Se-

TRIBUNA DE VIEIRA

CARTA DE RUIVÃES

Vai iniciar-se a montagem da instalação eléctrica nesta freguesia, melhoramento da mais alta importância, há muito reclamado, mas sempre posto de lado, ostensivamente, como se esta freguesia não fizesse parte do Império português.

Vai todo o nosso reconhecimento para o Senhor Presidente actual da nossa Câmara, Ex.mo Gaspar Sameiro, que cumpriu honradamente o compromisso tomado comigo, antes da sua posse e na ocasião desta.

Há problemas cuja solução não pode estar à espera de que o dinheiro sobre nos cofres da Câmara.

Impõem-se como inadiáveis e prescindíveis e portanto não podem esperar pelo dia de São Nunca.

Fica esta freguesia a dever à nossa Câmara um altíssimo serviço, pelo qual a Junta de freguesia também se tem interessado.

* * *

Esteve iminente, há semanas, um grave conflito entre os povos de dois lugares desta freguesia e de Cabril, por causa de uma questão de direitos a montados.

Os lugares de Vale e Frades, no uso de um direito secular, vão aos montados de Picães e Fafeão, da freguesia de Cabril, do concelho de Montalegre, roçar mato, cortar lenha e apanhar medronhos, e estes sem qualquer opo-

túbal, 7-Olivais, 0; Lusitano, 2-Seixal, 3; Campo Maior, 3-Oriental, 1; Portimonense, 0-Beja, 1.

sição, a não ser agora, que a Junta de Cabril, discricionariamente, decidiu correr com os de Vale e Frades à mão armada.

É necessário que a Guarda Nacional Republicana de Montalegre averigue sem demora se os portadores de armas de fogo estavam munidos das respectivas licenças e manifestos.

O que eu estranho é que em pleno século XX a solução de problemas, que só aos Tribunais compete, esteja ao arbitrio dos bacamartes de boca de sino.

Não. Não pode isto continuar assim.

Tenho pela boa gente de Cabril muita estima, até mesmo por razões de ordem familiar, mas não posso nem devo acovardar-me perante abusos que podem levar os conflitos graves e perigosos.

O aviso fica feito e espero que de futuro haja mais ponderação e menos espírito de vingança.

Os homens de bem entendem-se por palavras e não por ameaças a tiro.

Por hoje, ficamos por aqui e oxalá não seja preciso voltarmos ao assunto. Os Tribunais fizeram-se para se resolverem-se as dúvidas suscitadas.

Quem se sentir lesado recorra a eles, e, assim, tudo ficará certo.

Lastimo que sendo Ruivães e Cabril duas freguesias, que sempre viveram em convívio fraternal, se vejam, agora, na iminência de se amuarem, sem a menor necessidade.

Oxalá tudo fique em paz.

Amadeu Cesar

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

E assim é que, a pag. 24 do códice 507, encontra-se um curioso autógrafo com a seguinte notícia:

«Eu vos ofereço meo P.e S. Bento a minha filha Joanna Maria por vossa foreira de oje em diante com hum alqueire de trigo em cada hum anno se ma livrares das Bexigas achaque que de presente padece e por firmeza do contrato que com vosco meo S.to e meo P.e celebro vos faço este scrito de obrigaçam em L.a aos 17 dias do mez de junho de 1683. D. Fr. Antonio Felix Machado».

Era a mais nova dos filhos do 2.º marquês de Montebelo e, pelo que se sabe, não morreu das bexigas. O milagroso S. Bento atendeu e cumpriu o contrato. Ela casou (contra vontade de seus dois irmãos) a 23 de Agosto de 1711, com Simão de Melo Cogominho Mar-meleiro de Noronha, fidalgo da C.R., de que houve geração.

O espírito de intensa religiosidade era comum à vida do nobre e do plebeu, uma vez insuflada na argila em que Deus plasmou o primeiro homem, de que todos igualmente descendem.

No mesmo sentido, vai também na íntegra uma notícia das solenes exéquias em sufrágio da alma deste mesmo marquês, o que está sepultado à porta do fundo — da igreja de Carracedo:

«O P.e Antonio de Sousa de Menezes, Abbade de Parochial Igreja de São Martinho de Carracedo, do conc. de Entre-Homem e Cávado deste arcebispado de Braga. Certifico que em os seis dias do mez de Dezembro do anno de mil e Setecentos em que mandei fazer huu officio e todas as solenidades que constaram de Setenta Sacerdotes entre Religiosos de São Bento (Rendufe), Abbades, Priores, Reytores e Clerigos, pella Alma do Senhor Marquês de Montebello Dom Antonio Felix Machado da Silva e Castro que Deos tenha na Sua San-

ta gloria, aqui mandey guarnecer tres altares a dous Sirios cada hum e o altar mor com seis para os sacerdotes dizerem missas. E outro sim mandey fazer hua Essa sobre hum entablamento levantado tres palmos do chão e subido sobre elle ascima vinte palmos em degraos cobertos de riquos panejamentos pretos. E o primeiro banquo do entablamento de veludo preto tudo guarnecido de riquos galoens de ouro e nos flancos riquas bandejas e vasos para ramalhetes de prata que tudo adornavam e faziam vistoso. E varios ramalhetes de seda batida. Mandey guarnecer esta Essa de baixo athé o alto de cincoenta lumes entre tochas e sirios metidos em tocheiros e castiçais de prata que começaram a arder às setes oras da manhã em que se começaram as missas athé a huma ora depois do meyo dia em que se acabou o officio. E acabada esta função ao outro dia mandey a sera ao sereiro p.a que a pesasse da deminuição della e o aluguel achou-se ajustado no peso sem deminuição alguma e só se pagou do aluguel della. Como tambem fuy a casa do mercador para lhe pagar os alugueis dos panejamentos e mais sedas, galoens e rendilhas de ouro e prata. E a perda que poderia ser nos retalhos que fez nas pessos das sedas para melhor vestição dos degraos da Essa respondeo que para as exequias de um Fidalgo honorifiquo e ajustado como hera o Snr. Marquês a quem so huma vez falara por acaso não queria satisfação alguma de aluguel nem da perda que poderia ter nos retalhos que fizera antes lhe oferecia tudo em gloria e amor seu. Ao Clerigo que chamou para armar e fabricar a Essa, encarregado elle desta industria por ser unica na cidade de Braga na habilidade da quem costuma pagar-se m.to bem lhe daria coatro pataquas e lhe disse se co ellas se

(CONTINUA)

Contribua para o Cortejo de Oferendas que há-de ajudar a erguer o nosso Hospital